

O apego e a territorialidade percebidos por idosos em seus quartos

*Place attachment and territoriality
perceived by elderly in their rooms*

Marina Holanda Kunst; Universidade Federal de Pernambuco; UFPE

Amaury Alyson Teodoro de Souza; Universidade Federal de Pernambuco; UFPE

Juliana de Fátima Figueiredo Mendonça de Assis; Universidade Federal de Pernambuco; UFPE

Lourival Lopes Costa Filho; Universidade Federal de Pernambuco; UFPE

Resumo

A casa é um lugar de abrigo onde se dedica mais tempo na velhice; já o quarto, mais especificamente, é apontado na literatura da Psicologia como o ambiente residencial que detém a preferência dos idosos. Partindo dessas constatações, este artigo teve como objetivo avaliar o apego e a territorialidade percebidos por idosos em seus quartos. Para isso, foi realizada uma pesquisa exploratória que utilizou um questionário *online* para coletar os dados junto aos idosos, dados que foram automaticamente processados pelo sistema utilizado (*Google Forms*). Os resultados mostraram que o quarto hoje é visto de forma diferenciada, que já não é mais pensado apenas como um espaço para descanso, mas também para facilitar a troca social e o apego ao lugar, podendo favorecer a interferência no comportamento dos idosos. Logo, o estudo da relação entre tarefas, apego, comportamento e ambientes físicos é fundamental para a abordagem da Ergonomia do Ambiente Construído.

Palavras-chave: Idoso; Apego; Territorialidade; Ergonomia do Ambiente Construído.

Abstract

*The house is a place of shelter where more time is spent in old age; the fourth, more specifically, is pointed out in the Psychology literature as the residential environment that holds the preference of the elderly. Based on these findings, this article aimed to evaluate the attachment and territoriality perceived by the elderly in their rooms. For this, an exploratory research was carried out using an online questionnaire to collect data from the elderly, data that were automatically processed by the system used (*Google Forms*). The results showed that the comfortable bedroom is now seen in a different way, that it is no longer thought of as just a space for resting, but also to facilitate social exchange and attachment to the place, which may favor interference in the behavior of the elderly. Therefore, the study of the relationship between tasks, attachment, behavior, and physical environments is fundamental for the Ergonomics of the Built Environment approach.*

Keywords: Built Elderly; Attachment; Territoriality; Built Environment Ergonomics.

1. Introdução

O envelhecimento populacional é uma realidade mundial. Esse fato é causado pela queda nas taxas de fecundidade e de mortalidade, bem como pela inserção da mulher no mercado de trabalho. No Brasil, segundo dados de Perissé e Marli (2019), em 2043, a população de idosos (60 anos ou mais) representará um quarto da população geral.

Kunst *et al.* (2021) apontam que nessa faixa etária às dimensões humana – física, psíquica, social –, podem interferir na interação do idoso com o ambiente que o circunda, provocando, segundo Lopez, Felippe e Kuhnen (2017), ressignificações na relação de apego e desapego com os lugares. Essas ressignificações são, portanto, reflexo das relações que o idoso tem com o ambiente em que vive. Dessa forma, fica visível a intercambialidade entre esses dois polos (idoso e ambiente), em que um influencia o outro.

Destaca-se que essa relação “idoso-ambiente” é objeto de estudo da Ergonomia do Ambiente Construído e da Psicologia Ambiental. A primeira – Ergonomia do Ambiente Construído – investiga, inicialmente, a pessoa e a tarefa a ser realizada em um dado ambiente; já a segunda – Psicologia Ambiental – enfatiza as trocas positivas e negativas advindas dessa relação. Sobre a Ergonomia do Ambiente Construído (EAC), Costa Filho (2020) pontua ser a EAC um campo de estudo interdisciplinar e, portanto, permite seu entrelaçamento com outras áreas de conhecimento, como é o caso da Psicologia Ambiental. O autor acrescenta que desse cruzamento é possível proporcionar ambientes mais adequados e adaptados às necessidades das pessoas.

Dessa forma, o presente estudo pretende investigar a influência da territorialidade no idoso, na busca por demarcar seu território residencial, procurando refúgio e proteção para si, e, por conseguinte, para aqueles sob sua proteção; pressupondo advir de um prévio comportamento socioespacial enquanto necessita realizar tarefas domésticas e sociais; e, como consequência dessa territorialidade, proporcionar uma relação de apego com o lugar.

Alicerçados no fato de que a territorialidade pode informar sobre padrões comportamentais, psicossociais e histórico de uma pessoa (HIGUCHI; THEODOROVITZ, 2018), além de que o afeto diz respeito ao sentimento de bem-querer que sentimos e destinamos a alguém, ou a algo, que nos protege e nos faz sentir protegidos (DEMÉTRIO; BARBOSA, 2016) – aqui delimitado ao quarto residencial –, o presente estudo teve como objetivo avaliar o apego e a territorialidade percebidos por idosos em seus quartos.

2. Fundamentos Teóricos

Costa Filho (2020) afirma que as necessidades humanas no ambiente construído são diversas – fisiológicas, psicológicas, cognitivas, sociais, culturais –, sendo necessária uma visão interdisciplinar para a satisfação desse conjunto do modo mais integrado possível. Portanto, a associação da Ergonomia do Ambiente Construído com a Psicologia Ambiental, pode fornecer dados sobre como as pessoas tomam decisões nos ambientes que ocupam.

Nessa linha, Higuchi e Theodorovitz (2018) afirmam que o estudo da territorialidade permite compreender interações sociais e apropriação do entorno físico, através do

comportamento humano manifestado por meio de grupos sociais, para converter esse entorno em seu "território". Da troca entre os membros do grupo, afetividades e fluxos de informações emergem, culminando na apropriação (personalização) e na posse de um lugar (defesa do território escolhido), aspectos também abordados por Valera e Vidal (1998).

A territorialidade – expressada pela escolha de um determinado lugar como refúgio e proteção – permite observar diversas características, como apropriação, apego ao lugar, senso de pertencimento e identidade de lugar. Dessa forma, fica mais fácil identificar certas condutas sociais advindas dos moradores daquele território, por exemplo, controle de quem entra e sai, identificação de seus moradores via significados e imagens (HIGUCHI; THEODOROVITZ, 2018).

Como recorte da pesquisa, o território escolhido foi a moradia, descrita na literatura da Psicologia Ambiental como território primário – caracterizada por determinados aspectos, como limites definidos e refúgio pessoal –, proporciona intimidade, possibilidade de identificar atitudes, valores e personalidade das pessoas que a ocupa (VALERA; VIDAL, 1998). O público-alvo também foi delimitado, o idoso.

A partir dessas escolhas, pretende-se traçar o caminho de que ao delimitar seu território, o comportamento do idoso irá se modificar e sua relação de apego com a moradia, irá se fortalecer. Ou seja, a partir do comportamento humano é possível aprofundar o estudo sobre a territorialidade e o lugar, em que o comportamento do idoso é influenciado pelo ambiente e este é modificado pelo idoso, pois há uma influência mútua entre eles.

Sousa *et al.* (2020) ressaltam que quanto o conceito de território faz referência a aspectos apenas materiais, é necessário relacionar as características físicas e sociais de um lugar, pois um ambiente construído tem como uma de suas finalidades a interação social. As autoras ainda reforçam a interação entre uma pessoa e o espaço, em que o indivíduo não é um produto passivo do ambiente, tampouco este é apenas um produto da ação humana. Theodorovitz (2009) acrescenta que é no território que ocorre a plena existência humana, lugar este representado por aspectos físicos e sociais. Como reflexo da territorialidade, Elali (1998) aponta existir "marcadores culturalmente reconhecidos", como muros, objetos pessoais, que têm como funções a demarcação e a personalização do espaço como seu.

Por sermos seres espaciais, essa "transação espacial" reflete o afeto e o status das pessoas envolvidas, que caracteriza o conceito de comportamento socioespacial humano, expressado fortemente pela interação humana com o ambiente que o circunda. Dessa forma, tem-se que o comportamento socioespacial humano é observável via verbalizações e, principalmente, não verbalizações. Assim, o indivíduo não percebe sua movimentação corporal, embora esta seja fundamental para o entendimento do comportamento humano (PINHEIRO; ELALI, 2011).

Do caráter bidirecional da territorialidade; do uso do espaço em que há interação e modificação do comportamento humano e do ambiente físico; e do comportamento não verbal surgem sentimentos de bem-estar ao vivenciar determinado lugar. Tal conceito, derivado do comportamento socioespacial, é conhecido por apego ao lugar (*place attachment*) e, segundo Low e Altman (1992), refere-se aos vínculos cognitivos, culturais, comportamentais e afetivos

entre indivíduo e lugar. O lugar, continuam os autores, refere-se ao espaço que recebeu significado, repositório de bens pessoais estimados (RUBINSTEIN; PARMELEE, 1992), por meio de processos pessoais, grupais ou culturais.

Segundo entendimento da Psicologia Ambiental, a moradia, por ter significados pessoais, pode ser o ponto chave para a compreensão do apego ao lugar, na medida em que pode ser entendida como um lugar que tem aspectos vivenciais, e envolve a relação entre as pessoas e seus ambientes (VALERA; VIDAL, 1998).

Portanto, para os propósitos da discussão do trabalho, o território escolhido foi a moradia, mais especificamente o quarto, ambiente que, segundo Torres *et al.* (2008), detém a preferência do idoso na residência e preza por identidade e reconhecimento. Nessa perspectiva, Shenk, Kuwahara, Zablotsky (2004) afirmam que o controle advindo das fronteiras (físicas e simbólicas) impostas pelos moradores à casa, permite personalizá-la e regular o comportamento de cada um, entendidos como reflexo da privacidade que a casa proporciona.

Rubinstein e Parmelee (1992) completam esse entendimento afirmando que o apego reflete as modificações ocorridas no lugar pelas experiências de vida, podendo ter uma qualidade emocional que impregna o ambiente e produz vínculo afetivo. Especificamente para os idosos, os autores afirmam que o apego está intrinsecamente relacionado com suas experiências vividas, sendo um lugar propício para relembrar memórias, manutenção do senso de continuidade e proteção aos esquecimentos.

Shenk, Kuwahara, Zablotsky (2004) acrescentam que o apego seria a união entre o aspecto físico e as experiências autobiográficas vivenciadas ao longo do tempo, em que é possível identificar essa mistura com a identidade de cada morador. De modo geral, a casa é reconhecida como um lugar central para qualquer faixa etária. Contudo, é na velhice que ganha forma de abrigo, pelo fato de o idoso passar mais tempo nela. Logo, reflete um crescente sentimento de apego (RUBINSTEIN; PARMELEE, 1992).

3. Métodos e técnicas

Esta pesquisa foi desenvolvida através de abordagem de campo do tipo exploratória (MARCONI; LAKATOS, 2009), tomando como procedimento metodológico levantamento de dados indicativos da situação-problema. Para tanto, foi aplicado um questionário online, composto por 12 perguntas (Figura 1 – próxima página), distribuído por meios de comunicação via mensagens por aplicativos de rede de contatos dos pesquisadores.

O questionário foi implementado na ferramenta Google *Forms* e teve um cabeçalho inicial para a concordância ou não em respondê-lo, de forma a só prosseguir para as respostas com o aceite das condições do termo de consentimento.

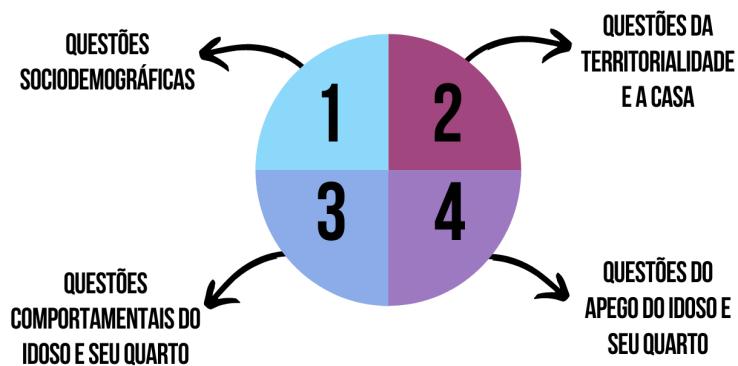
Figura 1 - Diagrama da distribuição das perguntas



Fonte: Elaborado pelos autores

O roteiro do questionário foi dividido em quatro partes (Figura 2). A primeira (**PARTE 1**), sobre questões sociodemográficas para futura caracterização da amostra, com três perguntas (gênero, idade, escolaridade). A segunda (**PARTE 2**), sobre questões da territorialidade e a casa, listou quatro perguntas. A terceira (**PARTE 3**), relativa ao comportamento socioespacial do idoso e seu quarto, teve duas perguntas. A quarta parte (**PARTE 4**), diz respeito ao apego do idoso com seu quarto, incluiu três perguntas. Apenas as duas primeiras partes envolveram questões abertas e fechadas; as demais englobaram apenas questões abertas.

Figura 2 - Diagrama da estruturação do questionário



Fonte: Elaborado pelos autores

Os dados coletados foram automaticamente processados em gráficos pelo sistema utilizado. A estrutura do questionário está detalhada para melhor compreensão do leitor e os principais resultados serão apresentados e discutidos a seguir.

3. Resultados e discussão

Participaram da pesquisa 50 idosos, majoritariamente mulheres, com escolaridade superior completa, a idade variou de 60 a 86 anos (predominância de idosos com 61 anos). Esses dados foram agrupados na **PARTE 1** do questionário online, sobre questões sociodemográficas.

Essas informações corroboram com dados da PNAD Contínua (2021), que apurou ter a população idosa ultrapassado, em números, a de jovens entre 18 e 24 anos. O grupo feminino, portanto, está em maior número quando comparado com o masculino. Quanto a esse último achado, Egydio e Graeff (2020) e Kunst (2016) informaram sobre a feminização da velhice.

O PNAD Contínua (2021) ainda confirma, entre as pessoas em idade de trabalhar, que a escolaridade média completa e a superior completa estão mais presentes no nível de instrução, ou seja, os dados coletados nesta pesquisa também corroboram com o nível de instrução apontado pelo PNAD Contínua de 2021.

Para compor a **PARTE 2**, foram reunidas questões relacionadas com a casa e a territorialidade. A primeira pergunta – “você gosta da localização do seu quarto na casa? Por quê?” – apenas duas pessoas idosas demonstraram insatisfação por causa do barulho e mau dimensionamento do cômodo. Os demais participantes se mostraram satisfeitos e as razões mais mencionadas foram: privacidade, conforto, amplitude do espaço, insolação, ventilação e comodidade, nessa ordem.

A segunda questão, “onde mora?”, revelou que a grande maioria, 34 respondentes, reside em apartamentos, 15 em casas e apenas 01 em chácara. O predomínio de idosos respondentes que residem em apartamentos corrobora com o padrão contemporâneo de morar, reverberando que a arquitetura informa sobre a sociedade tanto quanto a sociedade informa sobre a arquitetura. Ademais, Di Véroli e Schmunis (2018, p.61-62) afirmam que “a função da moradia deixou de servir como proteção física primitiva para servir como proteção psicológica do homem atual [...] com valor de refúgio e recolhimento, proteção climática e psicológica”. Esses achados associam-se à moradia e evocam à territorialidade, ao pertencimento e à intimidade como principais pressupostos para a escolha do habitat.

O desdobramento da questão anterior, “com quem você mora?”, revelou que a maioria dos participantes moram acompanhados: 27 deles residem com o(a) companheiro(a), 12 com algum parente próximo e 11 pessoas idosas moram sozinhas.

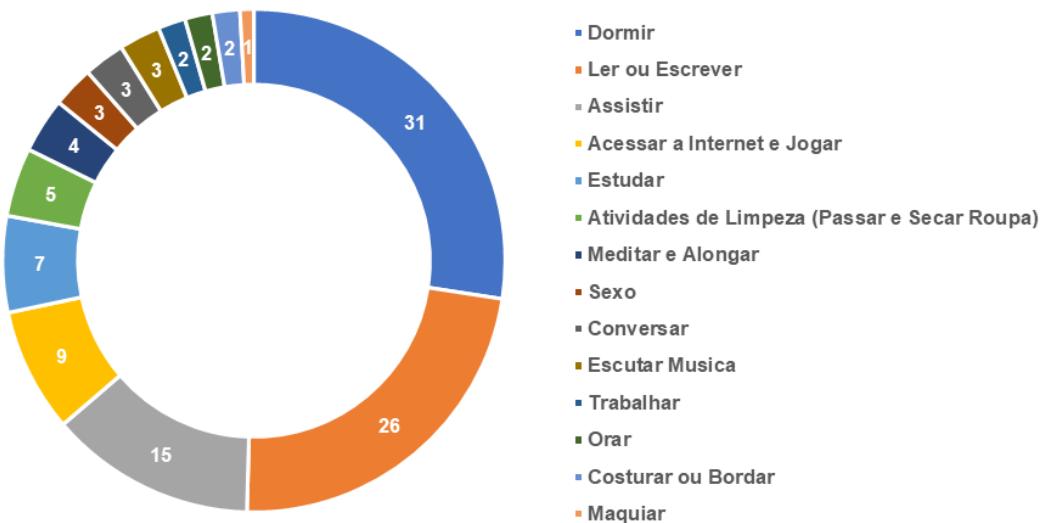
Nas questões “você compartilha o quarto com mais alguém? Se sim, com quem?”, praticamente a metade dos participantes (24) não compartilha o quarto. Os outros 26 idosos compartilham com o(a) companheiro(a), a mãe e a irmã; 24 e 02, respectivamente.

Esses resultados corroboram com os achados da pesquisa de Jesus *et al.* (2017), que mostraram ser com os familiares [companheiro(a), filhos(as)] que os idosos mais interagem. A presença de cuidadores, contudo, não foi descartada. Sobre o assunto, Gvozd e Dellaroza (2012) pontuam que a convivência familiar, intergeracional, faz com que a família, como um grupo social, tenha uma interação mais favorável com o idoso, além de percebê-los com mais carinho.

Esses achados ainda colocam em evidência a privacidade como um dos pontos fortes da discussão e corroboram com os resultados de Cavalcante e Pinheiro (2018, p. 200), quando afirmam que “as pessoas sempre buscam controlar e alcançar um nível ótimo de privacidade, apesar de sua forma particular de realizá-lo”.

A PARTE 3, que abordou o comportamento socioespacial e a relação do idoso com o seu quarto, mostrou que as respostas para o questionamento “que tarefas você realiza no seu quarto?” foram bem diversificadas, como pode ser observado no Gráfico 1, sobressaindo-se: dormir, ler ou escrever, assistir à TV. Também foram mencionadas as atividades de: acessar a *internet* e jogar, estudar, atividades de limpeza de roupas (passar e secar), revelando mudança de comportamento dos idosos.

Gráfico 1 - Respostas para a questão “Que tarefas você realiza no seu quarto?”



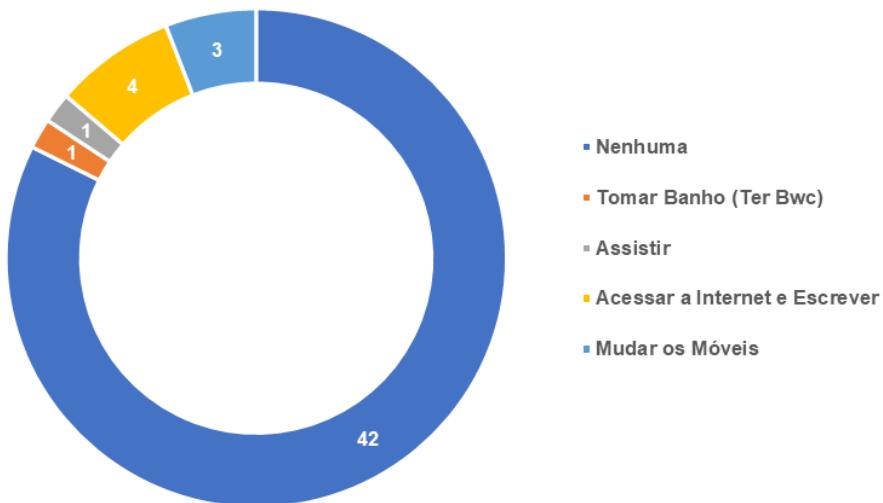
Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa realizada

Oliveira, Pasian, Jacquemin (2001) também apuraram que o quarto já não é apenas um lugar de descanso, mas também de realização de muitas outras atividades. Em seu trabalho, os autores destacam uma idosa que realiza atividade manual (faz tapete, coberta) e de lazer (dança e bebe cerveja) em seu quarto. Kunst, Brandão e Villarouco (2020) e Rosa (2020) mencionam que o quarto é um dos lugares favoritos para os idosos, no mesmo patamar que a sala. Rosa (2020) ainda acrescenta o fato dos idosos realizem atividades que gostam no ambiente referido, acrescentando que ele é um “lugar mediador de atividades favoritas”. Rioux (2005) também apontou positivamente a realização da leitura no quarto como algo corriqueiro entre os idosos abordados por ela.

No Gráfico 2 (próxima página), os idosos, em grande maioria, estão satisfeitos com as atividades que podem realizar em seu quarto, visto que ao serem questionados sobre “que tarefa você gostaria de realizar no seu quarto e não pode? Por quê?”, quarenta e dois (42) idosos responderam que não havia nenhuma. No entanto, quatro (04) deles indicaram que gostariam de acessar a *internet* e escrever; três (03) que gostariam de mudar os móveis; um (01) que

gostaria de tomar banho (entende-se que seria ter um banheiro dentro do quarto); e um (01) de assistir à TV.

Gráfico 2 - Respostas para a questão “Que tarefa você gostaria de realizar no seu quarto e não pode? Por quê?”



Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa realizada

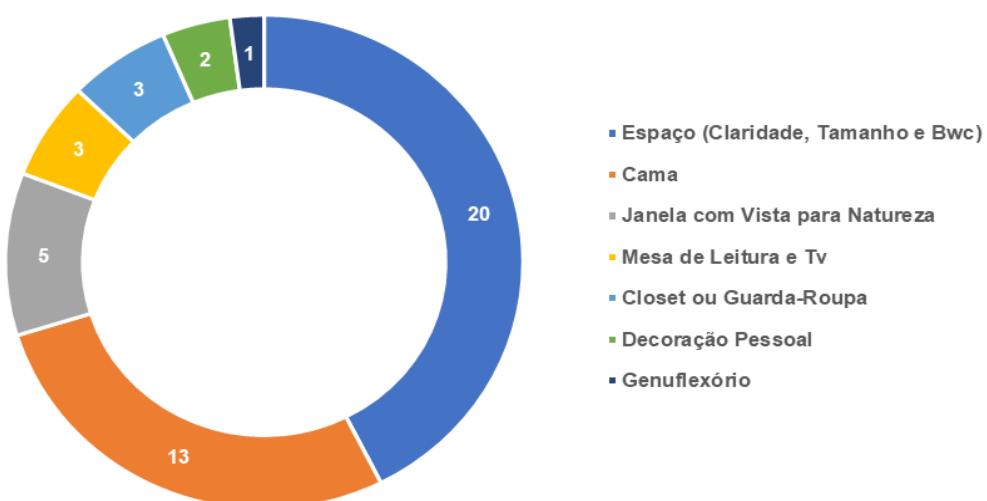
Esses resultados podem ser entendidos como relacionados como uma mudança na relação pessoa-ambiente, no sentido de querer construir um ambiente centralizador onde consiga realizar suas principais tarefas e adotar determinados comportamentos (YANG; SANFORD, 2012, COSTA FILHO; VILLACORTA, 2018; MACEDO, 2018). Dessa forma, conseguem manter o controle sobre o ambiente e sua vida, reiteram Yang e Sanford (2012). Hargas, Wilms, Baltes (1998) afirmam que ao escolher determinada tarefa a ser realizada, os idosos investem seu tempo e atenção, além de virarem suas prioridades e objetivos do dia, moldando a vida da pessoa idosa.

Esta questão também está relacionada à territorialidade, visto que o comportamento do idoso é moldado pelo espaço que habita ou transita. Desse modo, Castro *et al.* (2021) conseguiram apurar em seu estudo que a territorialidade do lar para os idosos é reflexo de suas atitudes frente ao lugar, ou seja, tanto o ambiente quanto as pessoas podem delimitar o uso do espaço a depender da dinâmica experienciada no momento, indicando o que se pode ou não fazer em determinado cômodo.

Os resultados dessa parte se mostram relevantes para o campo da Ergonomia do Ambiente Construído, devido ao fato de que a realização de tarefas e atividades demanda um espaço adequado. Excetuando as tarefas comuns realizadas nos quartos e apontadas pelos idosos (dormir, escutar música, ler ou escrever, por exemplo), atividades como meditar e alongar, trabalhar e costurar ou bordar requerem um espaço adequado. Costa Filho (2005) afirma que a Ergonomia do Ambiente Construído, a partir das necessidades, habilidades e limitações das pessoas, busca tornar o ambiente compatível com as tarefas e atividades a serem nele desenvolvidas, de forma a favorecer o desempenho das pessoas no uso do ambiente.

Na **PARTE 4**, que ressaltou o apego do idoso com seu quarto, ao serem abordados sobre “o que você mais gosta no seu quarto?”, a espacialidade (amplitude, iluminação natural e BWC) foi mencionada pela maioria dos participantes (20), como pode ser observado no Gráfico 3. Contudo, ressalva-se que outras coisas também foram citadas, como, por exemplo: a cama (13), a janela com vista para a natureza (05), a mesa para leitura e TV (03), o *closet* ou guarda-roupa (03), a decoração pessoal (02) e o genuflexório (01), mostrando que os hábitos dos idosos com relação ao quarto estão mudando.

Gráfico 3 - Respostas para a questão “O que você mais gosta no seu quarto?”

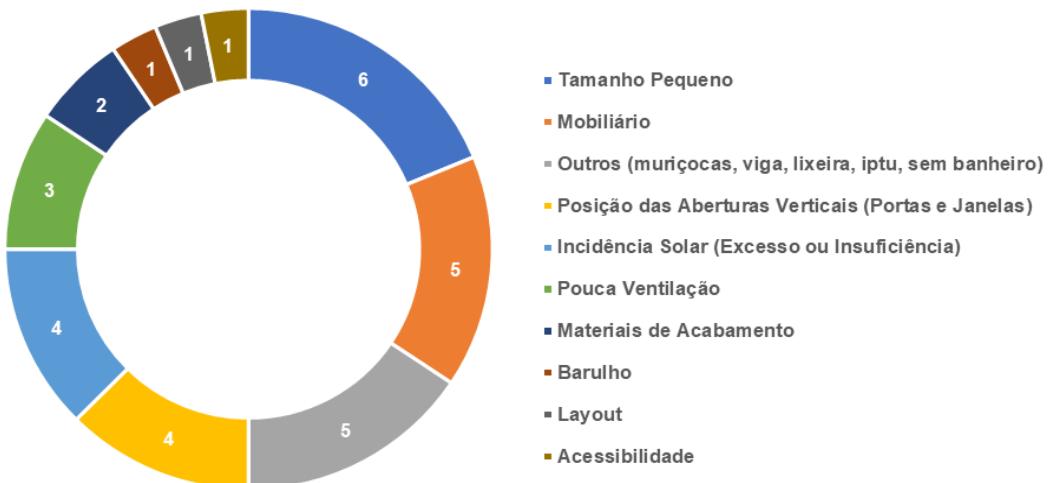


Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa realizada

As respostas destacadas pelos idosos podem ser entendidas como condicionantes que proporcionam melhores condições de estar no quarto deles (espacialidade, claridade, janela com vista). Esses dados corroboram com os achados de Castro *et al.* (2021), em que esse ambiente tem muita conexão com o bem-estar, assim como indica que a visualização da natureza, por uma abertura, aumenta a satisfação do idoso, além de poder estar cumprindo uma função restauradora para o idoso.

A pergunta seguinte – “o que você menos gosta no seu quarto?” – revelou que o tamanho pequeno dos quartos (06); o mobiliário (05); outros (muriçocas, viga, lixeira, IPTU, sem banheiro) (05); a posição das portas e janelas (04); a incidência solar (excesso ou insuficiência) (04) foram os itens mais citados. Mas também foi registrado que a pouca ventilação (03); os materiais de acabamento (02); o barulho (01); o *layout* (01) e a acessibilidade (01) são questões ambientais e de composição do ambiente que influenciam negativamente no gosto do idoso, conforme demonstrado no Gráfico 4 (próxima página).

Gráfico 4 - Respostas para a questão “O que você menos gosta no seu quarto?”



Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa realizada

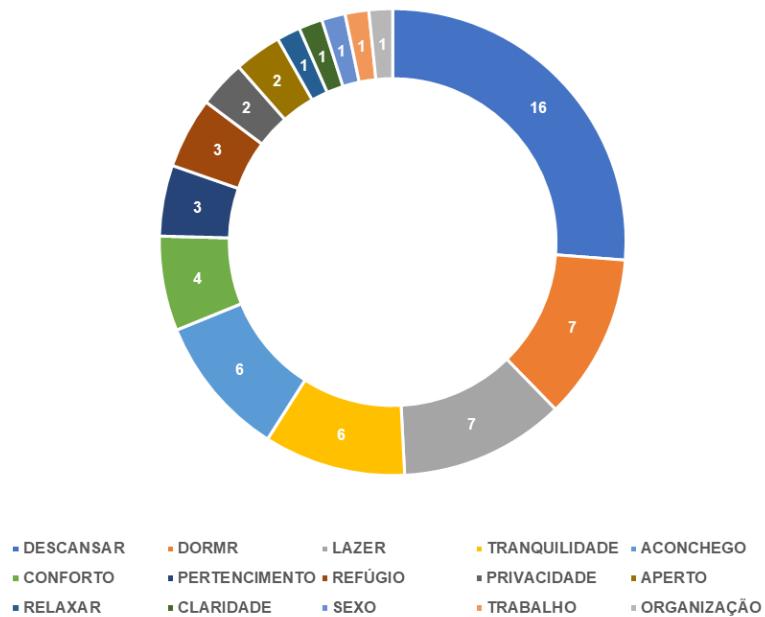
Como pode ser percebido, o tamanho do quarto e o mobiliário foram os itens mais lembrados pelos idosos. Kunst (2016), ao estudar o quarto, entre outros ambientes da casa, mostrou que ele é pequeno para locomoção e segurança dos idosos, necessitando, segundo apurado, de futuras reformas para melhor acomodação. O mobiliário também foi apontado no mesmo estudo como objetos que não cabiam no quarto, que era muito pequeno.

Quando perguntados sobre “o que lhe vem à cabeça quando você pensa no seu quarto?”, a atividade de descansar foi a mais citada por dezenas (16) idosos entrevistados, que também pode ser dormir, mencionada por sete (07) idosos; lazer (07); tranquilidade (06); aconchego (06); conforto (03); pertencimento e refúgio (02); privacidade (02); sexo (01); organização (01); relaxamento (01). Em contrapartida, o quarto também proporciona situações negativas, mesmo que em menor número que os demais itens indicados acima, como: aperto, declarado por dois (02) idosos; claridade (01); trabalho (01), conforme mostra o Gráfico 5 (próxima página).

A importância da cama como algo que mais se gosta no quarto também foi apurada por Pedroso (2018) como tendo relevância na composição do quarto, em estudo com idosos institucionalizados. O autor ainda destaca o mobiliário como elemento de afeição, aspecto que diverge dos achados nesta pesquisa. O fato é curioso, já que é possível modificar o espaço e o mobiliário de uma casa, sendo complicado nas instituições de longa permanência para idosos (ILPI's), ante às normas da instituição.

Nas respostas coletadas foi possível perceber laços afetivos do idoso com seu quarto. Sobre isto, Scalvin *et al.* (2022) comentam que um lugar caracterizado pelo afeto pode modificar o humor, a capacidade atencional e a contemplação dos próprios sentimentos, além de influir na restauração de idosos.

Gráfico 5 - Respostas para a questão “O que lhe vem à cabeça quando você pensa no seu quarto?”



Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa realizada

Vale ainda destacar que o compartilhamento, ou não, do quarto não influenciou nas características positivas associadas à última pergunta do questionário. Tal fato está pouco relacionado com os achados de Torres (2015), ao afirmar que se o idoso tem o quarto só para ele, há maior sentimento de privacidade, apego ao lugar e manutenção da independência.

5. Considerações finais

O estudo da relação entre as tarefas, o apego e o comportamento nos ambientes físicos mostram-se aderentes para a área da Ergonomia do Ambiente Construído. Nessa perspectiva, este artigo levantou bases teóricas e evidências empíricas da Psicologia Ambiental, relacionadas com a relação idoso-ambiente, mais especificamente sobre o quarto, com o objetivo de avaliar o apego e a territorialidade percebidos por idosos nos seus quartos.

Os principais resultados obtidos, que respondem às questões tomadas da Psicologia Ambiental para estudo, atenderam ao objetivo traçado. Nesse sentido, quanto à territorialidade, ficou evidente que compartilhar a casa ou o quarto não interfere na satisfação do idoso, restringindo-se apenas a questões ambientais (barulho, mau dimensionamento, privacidade, ventilação, por exemplo).

No quesito comportamento (realização de tarefa no quarto), várias atividades foram citadas. No entanto, algumas mereceram destaque, como: meditar e alongar, trabalhar, e costurar ou bordar, pois requerem um ambiente adequado para sua realização. Quanto ao apego ao lugar, foi apurado que algo relacionado com o que os idosos mais gostavam no quarto foi

também apontado como o que menos gostavam, em uma questão diferentes. Ou seja, nas questões formuladas, o mobiliário revelou-se tanto como um aspecto positivo quanto negativo para os idosos.

Foi percebida a relevância de trabalhos que abordem o quarto na perspectiva do idoso no campo da Ergonomia do Ambiente Construído, visto que esse ambiente influencia mais na satisfação do idoso do que nas pessoas que o circundam, e que o comportamento dessa população vem mudando quanto ao uso desse ambiente, que extrapola ser apenas um local para descansar, como apurado. E, mesmo que esse resultado seja um indicativo da situação-problema, também pode sugerir, por meio dessa mudança de comportamento dos idosos, um direcionamento para arquitetos e designers de interiores repensarem o quarto dos idosos. Esse comportamento também pode ser reflexo das alterações causada pela pandemia do Sars-cov-2.

Assim, em resposta à avaliação proposta, apurou-se a ampliação das tarefas realizadas pelos idosos nos quartos – há certa modificação no comportamento destes – e o apego ao lugar esteve muito presente nas respostas que o relacionaram com aspectos de restauração, quais sejam: descanso, tranquilidade, conforto, aconchego. Em última análise, um ambiente projetado a partir das necessidades do usuário pode facilitar a troca social, o apego ao lugar e interferir no comportamento do indivíduo, além de permitir que os idosos envelheçam bem no local.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio financeiro em forma de bolsa.

6. Referências Bibliográficas

CASTRO, A.; VITALI, M. M.; CAVALER, C. M.; QUADROS, L. F. A.; SORATTO, J. Representações sociais de "MINHA CASA" para idosas. **Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, v. 12, n. 2, 2021. <https://doi.org/10.18569/tempus.v12i2.2508>.

CAVALCANTE, S.; PINHEIRO, N. P. Privacidade. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. **Psicologia Ambiental**: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. Petrópolis: Vozes, pp. 196-236, 2018.

COSTA FILHO, L. **Discussão sobre a definição dimensional em apartamentos**: contribuição à ergonomia do ambiente construído. 150 p. Dissertação (Mestrado em Design). Universidade Federal de Pernambuco. 2005.

_____. Ergonomia do Ambiente Construído e Qualidade Visual Percebida. In: Mont'Alvão, C.; Villarouco, V. (Orgs.) **Um novo olhar para o projeto 5**: a ergonomia no ambiente construído. Rio de Janeiro: 2AB, pp. 10-20, 2020.

COSTA FILHO, L.; VILLACORTA, J. Novas formas de uso do espaço doméstico. In: **VII Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído e VIII Seminário Brasileiro de Acessibilidade Integral**. São Paulo: Blucher, v. 4, n. 2, pp. 691-701, 2018. DOI 10.5151/eneac2018-049.

DEMÉTRIO, Á. M. V.; BARBOSA, R. M. dos S. P. Apego, afeto e territorialidade: elos entre o idoso e seu ambiente. **BIUS -Boletim Informativo Unimotrisaude em Sociogerontologia**, v. 7, n. 3, 2016.

DI VÉROLI, D.; SCHMUNIS, E. **Arquitetura e Envelhecimento Rumo a um Habitat Inclusivo**. Porto Alegre: Masquatro e Nobuko, 2018.

EGYDIO, L. M. B.; GRAEFF, B. Mulheres idosas e Cidade Amiga do Idoso: revisão de escopo. **Revista Kairós - Gerontologia**, v. 23, n. 2, pp 499-519, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2020v23i2p499-519>.

ELALI, G. A. **Relações entre comportamento humano e ambiência**: uma reflexão com base na Psicologia Ambiental. Anais do Colóquio Ambiências Compartilhadas. Rio de Janeiro: ProArq-UFRJ. 1998.

GVOZD, R.; DELLA ROZA, M. S. G. Velhice e a relação com idosos: o olhar de adolescentes do ensino fundamental. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, pp. 295-304, 2012.

HIGUCHI, M. I. G; THEODOROVITZ, I. J. Territorialidade(s). In: CAVALCANTE, S; ELALI, G. A. **Psicologia Ambiental**: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. Petrópolis: Vozes, pp. 228-236, 2018.

HORGAS A. L.; WILMS H. U.; BALTES M. M. Daily life in very old age: everyday activities as expression of successful living. **Gerontologist**, v. 38, n. 5, pp. 556-568, 1998. doi:10.1093/geront/38.5.556.

JESUS, F. A. de; AGUIAR, A. C. de S. A.; SANTOS, A. L. de S.; MENESES, K. F.; SANTOS, J. L. P. Convivendo e relacionando com a pessoa idosa no domicílio: percepção de familiares. **Rev Enferm UFPE online**, v. 11 (Supl. 10), pp. 4143-9, 2017. DOI: 10.5205/reuol.10712-95194-3-SM.1110sup201718.

KUNST, M. H. **Avaliação da acessibilidade do idoso em conjuntos habitacionais**: o caso do Cidade Madura. Dissertação (Mestrado). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, 2016. 193 p.

KUNST, M. H.; BRANDÃO, J.; PAIVA, M. M. B.; VILLAROUCO, V. Análise das dimensões dos espaços de um conjunto habitacional para idosos. **Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente**, [S. I.], v. 6, n. 1, p. 85–99, 2021. DOI: 10.21680/2448-296X.2021v6n1ID21650.

KUNST, M. H.; BRANDAO, J. S.; VILLAROUCO, V. AVALIAÇÃO DA ACESSIBILIDADE DO IDOSO EM CONJUNTOS HABITACIONAIS: O caso do Cidade Madura de João Pessoa-PB. In: COSTA, A. D. L.; SARMENTO, B. R. (Org.). **Tecendo pontes**: interfaces e Lugares de Acessibilidade. 1ed. João Pessoa: UFPB, v. 1, pp. 163-179, 2020.

LOPEZ, M.; FELIPPE, M. L.; KUHNEN, A. Lugares favoritos no envelhecimento: explorando estudos e conceitos. **Psicologia Argumento**, [S. I.], v. 30, n. 71, 2017. DOI: 10.7213/psicol.argum.7470.

LOW, S. M.; ALTMAN, I. Place attachment: a conceptual inquiry. In: ALTMAN, Irwin; LOW, Setha M. **Place attachment**. New York: Plenum. Capítulo 1, pp. 1-12, 1992.

MACEDO, P. F. de. **“Apertamento”**: um estudo sobre dimensionamentos e funcionalidade na produção imobiliária de habitações mínimas verticais em Natal (RN). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2018, 188 p.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

OLIVEIRA, É. A. de; PASIAN, S. R.; JACQUEMIN, A. A vivência afetiva em idosos. **Psicol. cienc. prof.**, v. 21, n. 1, 2001. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932001000100008>.

PEDROSO, E. S. R. **Intervalos do Apego**: A relação afetiva entre o idoso e a moradia coletiva institucional no Brasil e em Portugal. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2018, 260 p.

PERISSÉ, Camille; MARLI, Mônica. Caminhos para uma melhor idade. In: **Retratos**: a revista do IBGE, n. 16, p. 18-25, fev, 2019. Disponível em:
https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/d4581e6bc87ad8768073f974c0a1102b.pdf.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua. **Indicadores IBGE**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2021_3tri.pdf. 2021.

PINHEIRO, J. Q.; ELALI, G. A. Comportamento socioespacial humano. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 144-158, 2011.

RIOUX, L. The well-being of aging people living in their own homes. **Journal of Environmental Psychology**, v. 25, n.2, pp. 231–243, 2005. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2005.05.001>.

ROSA, M. C. S. da. O idoso, sua casa e suas coisas: contribuições para criação de um entorno mais acolhedor para os maiores de 60 anos. **Cuad. Cent. Estud. Diseñ. Comun.**, n .83, 2020. <http://dx.doi.org/10.18682/cdc.vi83.3736>.

RUBINSTEIN, R. L.; PARMELEE, P. A. Attachment to place and the representation of the life course by the elderly. In: ALTMAN, Irwin; LOW, Setha M. **Place attachment**. New York: Plenum. Capítulo 7, pp. 139-164, 1992.

SCALVIN, G. K.; OPOLSKI, T. F.; ALVES, R. B.; SOUZA, C. A. de. Apego à moradia de idosos confinados em municípios catarinenses frente à covid-19. **Psicologia Argumento**, v. 40, n. 109, 2022. <https://doi.org/10.7213/psicolargum40.109.AO02>.

SHENK, D.; KUWAHARA, K.; ZABLOTSKY, D. Older women's attachments to their home and possessions. **Journal of Aging Studies**, v. 18, n. 2, pp. 157–169, 2004. <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2004.01.006>.

SOUSA, A. de L.; THUROW, C. F.; RODRIGUES, G.; SCHNEIDER, D. R. Diálogos da psicologia existencialista com o conceito de território. **Rev. Abordagem Gestalt**. [online]. v. 26, n. 3, 2020, pp. 339-349. ISSN 1809-6867. <http://dx.doi.org/10.18065/2020v26n3.9>.

THEODOROVITZ, I. J. **Uso social do ambiente**: um estudo com jovens moradores do entorno sul da Reserva Florestal Adolpho Ducke. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia). Universidade Federal do Amazonas. 2009, 79 p.

TORRES, A. de L. **O papel do ambiente residencial na qualidade de vida de idosos**: um estudo exploratório em Cabedelo, Paraíba. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2015, 205 p.

TORRES H, M.; QUEZADA V, M.; RIOSECO H, R.; DUCCI V, M. E. Calidad de vida de adultos mayores pobres de viviendas básicas: Estudio comparativo mediante uso de WHOQoL-BREF. **Rev. Méd. Chile**, Santiago, v. 136, n. 3, 2008.

VALERA, S.; VIDAL, T. Privacidad y territorialidad. In: ARAGONÉS, J. I.; AMÉRICO, M. **Psicología Ambiental**. Madri: Pirâmide, pp. 23-148, 1998.

YANG, H. Y.; SANFORD, J. A. Home and Community Environmental Features, Activity Performance, and Community Participation among Older Adults with Functional Limitations. **J Aging Res - Special Issue**, v. 2012, 2012. doi:10.1155/2012/625758.